

USOS E PRÁTICAS DO LAZER E DOS TEMPOS LIVRES: DO CONSUMO À PROCURA PELA FELICIDADE

Silvio Lima Figueiredo¹

Universidade Federal do Pará, Brasil

Larissa Latif Plácido Saré²

Universidade do Minho, Portugal

*How sweet I roam'd from field to field, And tasted all the summer's pride,
Till I the Prince of Love beheld, Who in the sunny beams did glide!
He showed me lilies for my hair, And blushing roses for my brow,
He led me through his gardens fair, Where all his golden pleasures grow.
With sweet May dews my wings were wet, And Phoebus fired my vocal rage;
He caught me in his silken net, And shut me in his golden cage.
He loves love to sit and hear me sing, Then, laughing, sports and plays with me;
Then stretches out my golden wing, And mocks my loss of liberty.*
William Blake, Song.

RESUMO: O texto apresenta um debate sobre a gênese do conceito de lazer e as principais concepções do ócio nas sociedades humanas. A perspectiva é apresentar os sentidos e concepções da ideia de lazer. É possível perceber que o campo dos estudos do lazer alicerça-se na valorização de práticas que não podem mais ser ignoradas pela ciência normal, as práticas laterais, periféricas, sem importância para o sistema produtivo ou mesmo contraditórias a esse mesmo sistema. São os sentidos de lazer por meio dos conceitos de práticas relacionadas à dicotomia trabalho-lazer, apresentando as ideias iniciais para compreensão da genealogia do conceito e os novos posicionamentos do campo na atualidade. Para isso, são usados os conceitos de caráter social de David Riesman, habitus, de Pierre Bourdieu e dépense, de Georges Bataille.

Palavras-Chave: Lazer. Ócio. Práticas sociais. Sociedade de consumo.

USES AND PRACTICES OF LEISURE AND FREE TIME: THE CONSUMPTION AND THE SEARCH FOR HAPPINESS

¹ Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará (NAEA/UFPA), Brasil. Doutor em Comunicação (ECA/USP); realizou estágio pós-doutoral na Université René Descartes - Paris V Sorbonne.

² Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia. Investigadora do Centro de Estudos em Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho. Bolsista de Pós-Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

ABSTRACT: The text presents a discussion on the genesis of the concept of leisure and the main conceptions of inactivity in human societies. The perspective is to present the senses and conceptions of leisure idea. You can see that the field of leisure studies is founded on valuation practices that can no longer be ignored by normal science, side, peripheral practices, unimportant for the production system or even contradictory to that same system. They are the recreational way through the concepts of practices related to work-leisure dichotomy, with the initial ideas for understanding the genealogy of the concept and the new positioning of the field today. For this, the social character concepts of David Riesman, habitus, of Pierre Bourdieu, and dépense, of Georges Bataille, are used.

Keywords: Leisure. Inactivity. Social Practices. Consumption Society.

USOS Y PRÁCTICAS DE OCIO Y TIEMPO LIBRE: EL CONSUMO Y LA BÚSQUDA DE LA FELICIDAD

RESUMEN: El texto presenta una discusión sobre la génesis del concepto de ocio y las principales concepciones del ocio en las sociedades humanas. La perspectiva es presentar los sentidos y concepciones de la idea de ocio. El campo de los estudios de ocio se basa en las prácticas de valoración que ya no pueden ser ignorados por la ciencia normal, las prácticas periféricas, sin importancia para el sistema de producción o con contradicciones a ese mismo sistema. Sentidos de ocio se hacen en los conceptos de prácticas relacionadas con la dicotomía del trabajo y el ocio, con las ideas iniciales para la comprensión de la genealogía del concepto y el nuevo posicionamiento del campo hoy. Para ello, se utilizan los conceptos de caracteres sociales de David Riesman, habitus de Pierre Bourdieu y dépense de Georges Bataille.

Palabras-clave: Ocio. Prácticas sociales. Sociedad de consumo.

Introdução

Algumas ideias são recorrentes quando se fala do lazer, e elas têm sentido se pensarmos nesse conceito e nessas práticas a partir da formação de um novo campo de estudos, baseado em perspectivas interdisciplinares e multidisciplinares. As principais argumentações dizem respeito primeiro à importância dessas práticas sociais na modernidade e pós-modernidade.

Assim, perguntar-se-ia se o lazer não foi importante para sociedades historicamente anteriores, e, nesse sentido percebe-se logo que esse conceito é recente, veio a reboque das mudanças estruturais do nascimento do capitalismo e da divisão do tempo nas sociedades industriais ocidentais, e sim, atualmente ganha centralidade impressionante na divisão do tempo das práticas humanas.

Outra ideia que sustenta o percurso dos estudos do lazer no Brasil e em alguns centros europeus e norte-americanos é uma necessidade da defesa da valorização dessas práticas como objeto de pesquisa, práticas não tão valorizadas nas chamadas ciências do

homem, o estudo do que seria chamado de periférico na vida humana, as práticas desimportantes, coisas sem valor, como nos fala Duvignaud (1983). O trabalho, as relações sociais e suas relações com as mudanças produzidas por grandes projetos empresariais, os movimentos sociais e outras questões sempre estiveram na frente do debate e dos estudos socioantropológicos e obviamente na definição do que seria importante pesquisar. Além disso, os comportamentos desviantes, muitos deles associados à festa, ao prazer e aos grandes encontros sociais, eram importantes para a pesquisa social principalmente para serem investigados, e se possível extirpados da sociedade, na busca pelo seu progresso, controlando as anomias, se pensarmos em Auguste Comte e Emile Durkheim.

Na direção contrária, Georges Bataille aponta a importância da *dépense*, ou desperdício, que ele opõe ao princípio da utilidade clássica ou pretensamente material que, supostamente teria por finalidade o prazer. Bataille, no entanto, denuncia a redução do prazer a uma condição, por vezes lamentável, da vida social produtiva (BATAILLE, 1967, p. 25).

Assim, é possível perceber que o campo dos estudos do lazer alicerça-se na valorização de práticas que não podem mais ser ignoradas pela ciência normal, as práticas laterais, periféricas, sem importância para o sistema produtivo ou mesmo contraditórias a esse mesmo sistema. Tal mudança de paradigma amplia as possibilidades de compreensão das ações humanas e sobre o que move os homens em processos de sociabilidades. O lazer que antes se circunscrevia ao periférico começa a impor estudos sobre temas desse campo. O texto ora apresentado debate as práticas relacionadas à dicotomia trabalho-lazer, apresenta as ideias iniciais para compreensão da genealogia do conceito e os novos posicionamentos do campo na atualidade.

A dialética dos sentidos do lazer

A valorização do lazer na sociedade moderna é oscilante, em alguns momentos aparece como ócio e preguiça, com uma conotação pejorativa, em outros, ganha destaque como uma das atividades que pode servir para curar mazelas do trabalho, e portanto, seria necessidade básica, para libertar o homem da obrigação, espaço/tempo de criatividade e, principalmente, gerar novas atividades que podem se incorporar ao processo produtivo como a indústria cultural e o turismo. Do mesmo modo, o ócio visto não como forma elementar do lazer, mas nas significações contemporâneas que adquire em algumas culturas, ora é positivo, ora é negativo.

A concepção de lazer da sociedade atual é única. A partir de modelos metodológicos de interpretação da história, em obras como a de Foucault (1990), podemos perceber que as concepções de trabalho e da sua contraparte, o lazer, estão relacionadas com a noção de

como a nossa sociedade trata o trabalho. As características do trabalho e do tempo usado no mesmo é que caracterizam o que hoje entendemos como lazer. O quadro abaixo aponta as nuances na alteração de significados, porque se alteram as culturas, e a perspectiva da sociedade ocidental é marcada por rupturas não só em modos de produção, mas em aspectos culturais e de mentalidades.

Quadro 01- Sentidos dos conceitos relacionados ao lazer e ao ócio

Grécia	<i>Skolé</i> : operação de natureza intelectual e espiritual, contemplação da verdade, bem e beleza. É um estado de alma que consiste em o indivíduo sentir-se livre do trabalho [braçal], que é relegado a escravos, para poder ascender à sabedoria. Sentido original: “parar”, “cessar”=> ter paz e silêncio.
Roma	<i>Ótium</i> : descanso e diversão necessários para a preservação das condições de poder trabalhar. Negação do <i>ótium</i> => <i>neg-otiun</i> = negócio.
Sociedade Medieval	Valorização da religião = igreja Valorização do trabalho = ética protestante e o espírito do capitalismo. Trabalhar agora não é mais castigo, é missão de deus. O ócio então ganha sentido pejorativo.
Sociedade Moderna	Gênese de Lazer Etimologia - Latim=> <i>licet</i> ; Francês => <i>Loisir</i> , Port. => <i>Lazer</i> Significa <i>licença, o que é permitido</i>
Pós-Modernidade	Valorização do lazer/civilização do lazer

Fonte: Produzido pelos autores baseados em Corbin (2001), Weber (1996), Cunha (1987).

Para Aristóteles, o que se poderia aproximar da ideia de lazer significava um estado de ser no qual a atividade é executada tendo a si mesma como causa e finalidade, diferente da recreação e do divertimento, pois estes são considerados necessidades, em razão do trabalho (Parker, 1978). A organização do mundo dos mortais, apontando sua origem, suas limitações, seus deveres, revelando-nos, assim, em que se fundamenta a própria condição humana: a relação entre a natureza divina, humana e animal

[...] não é uma parcela de tempo ou de existência, e muito menos algo oposto ao trabalho, mas uma forma de vida que integra o homem em sua (nunca vivida) plenitude (CUNHA, 1987, p. 57).

O conceito de lazer é criado na modernidade e encerra significados fundamentalmente relacionados com a dicotomia trabalho-lazer, com a cisão sujeito-mundo.

O lazer é portanto definido a partir de sua contraparte, o trabalho e, com o aumento de horas dedicadas e essas atividades humanas, cria-se uma grande quantidade de teorias que passam a explicar o fenômeno, principalmente pela sua possibilidade de aquecer o consumo, de bens culturais e pacotes turísticos por exemplo, e também ocupar, juntamente com a área da informação e comunicação, uma massa de desempregados oriundos principalmente do segundo setor.

Algumas constantes são encontradas nas atividades de lazer:

1 - *Escolha Pessoal* - Por livre escolha no lazer entenda-se a existência de um tempo precioso onde o indivíduo pode exercitar com mais criatividade as alternativas de ação ou de participação com mais liberdade do que noutras atividades.

2 - *Gratuidade* - O lazer nunca é inteiramente gratuito, mas a priori não visa remuneração, pressupõe um fazer-por-fazer, sem que necessariamente haja um ganho financeiro em vista ou um preço sério a pagar.

3 - *Prazer* - A finalidade do lazer é atingir o prazer.

4 - *Liberação* – O lazer libera o indivíduo das obrigações, da fadiga e das tensões. Pode ser visto como momento de reposição de energias para o trabalho, criando-se aqui um ponto de questionamento possível com relação à busca do simples prazer.

Para Dumazedier (1975) o lazer pode ser praticado na forma de atividades físicas, manuais, intelectuais, artísticas e sociais. Camargo (1998 *apud* BAHIA, FIGUEIREDO, 2013) acrescenta a essas atividades o turismo.

Porém, o que faz importante a discussão de conceitos de lazer? Em primeiro lugar, a discussão atual sobre os conceitos de trabalho, em segundo lugar, o papel do homem em garantir sua sobrevivência, reprodução e realização, em terceiro lugar a busca pelo prazer. Que lugar ocupa o lazer nas sociedades contemporâneas? Será uma válvula de escape para os indivíduos sujeitos à lógica produtiva ou trará a possibilidade genuína de liberação, subjetivação e satisfação individual?

O conceito de trabalho tradicionalmente está ligado ao processo de produção no modo capitalista. Neste processo em que participam homem e natureza, o homem põe em movimento forças naturais do seu corpo, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana (Marx, 1996). Na sociedade (modo de produção) capitalista, as relações sociais derivam da transformação da natureza, dos processos de trabalho e da compreensão dos processos envolvidos na criação da mercadoria. Esse processo é mostrado por Marx a partir da produção dos conceitos clássicos de trabalho abstrato, fetichismo da mercadoria, alienação no processo produtivo e mais-valia. A relação com o tempo de não-trabalho expõe os novos conceitos de lazer que são trazidos à discussão de ciências como a sociologia e a economia.

As práticas como definidoras do sentido de Lazer

Os estudos sobre lazer de igual forma também se originam dos estudos das práticas humanas quer na perspectiva da sociologia do cotidiano quer nos estudos do sagrado, do ritual e da festa, tangenciando aspectos por exemplo da cultura popular, e, portanto do lazer do povo. Para a compreensão do lazer é necessária, então, a compreensão das práticas e da ação social. Nessa direção apontamos os estudos de David Riesman, em *A Multidão Solitária* e o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu.

Riesman aborda algumas questões de fundo. Por um lado o comportamento da classe média norte-americana, por outro, discute categorias de análise que servem como interpretações metodológicas para a análise dos grupos humanos, em sociedades modernas. Com o objetivo de detectar aspectos das mudanças na classe média superior americana, realiza o estudo levando em consideração alguns aspectos como dados demográficos e econômicos; padrões de educação dos filhos e sua escolaridade; análise de conteúdo da fantasia e dos meios de comunicação de massa; observações da vida cotidiana.

Suas análises estão estruturadas a partir do conceito de caráter social, a parte do caráter que é compartilhada por grupos significativos e que é produto da experiência destes grupos, um tipo de configuração com que o indivíduo aborda o mundo e as pessoas. O caráter social pode ser partilhado por classes, grupos, regiões, nações.

De acordo com Riesman, quando se alteram as configurações sociais de caráter, muda o papel dos pais (familiar), professor (escola), e de outras instituições que acabam, ora aqui, ora ali, por passar por situações de risco. Para cada caráter social elucidado por Riesman, há uma caracterização de determinadas instituições sociais, como a família, a escola, o trabalho e o lazer. Na sociedade da direção traditiva, a transmissão de seus valores se dá a partir das tradições orais, mitos, lendas e canções, enquanto que na sociedade da introdução essa ação se dá a partir da educação formal, dos jornais, livros e treinamentos, e na fase de alterdireção, se usa mecanismos explicitamente ligados à formação de caráter baseado no outro, no padrão estabelecido pelo consumo, pela propaganda em diversos meios de comunicação em massa como os “comics” e o cinema, todos *agentes importantes na formação do caráter* (RIESMAN, 1961).

Sobre a relação entre trabalho e lazer o autor nos mostra que, enquanto o homem da direção traditiva não escolhe entre trabalhar, divertir-se ou criar sua própria mescla particular pois as coisas estão definidas pela tradição (RIESMAN, 1961, p. 182), o homem introduzido tem a clara noção das diferenças entre trabalho e lazer, até no próprio consumo conspícuo, que se faz trabalho como trabalho de aquisição, o introduzido desenvolve uma estrutura de caráter que o impulsiona a trabalhar mais horas, e viver com necessidades menores de lazer. O homem alterdirigido, centrado nas suas relações interpessoais, vê o entrelaçamento do

trabalho com o lazer, e a diversão como possibilidade de sociabilização, de encontrar amigos. Suas formas de diversão se dão a partir de um reflexo de *modus vivendi* contemporâneo e nos faz repensar nos conceitos ora abordados. Riesman dirá: “a era da aliterdireção continua sendo uma época de competição e um local de busca, nunca completamente suprimida, do significado e da resposta emocional da vida” (1961, p. 215).

Outras concepções aparecem para explicar o caráter social, como o conceito de *habitus* extraído dos estudos de Pierre Bourdieu, em sua obra o Esboço da Teoria da Prática, onde defende a relação e a produção de sentidos entre as ações humanas. Weber (1985) propõe um estudo dos aspectos sociais de um povo a partir do conceito de ação social e da significação que os agentes imprimem a essa ação. A maior parte das concepções sobre o comportamento social muitas vezes traz discussões sobre o trabalho e o lazer, haja vista as teorias sobre trabalho, de Marx (1996)³, as discussões encontradas na “Sociedade de Consumo”, de Baudrillard (1981), as reflexões de Adorno e Horkheimer (2002) sobre a indústria cultural e o tempo livre e até mesmo o estudo do gosto na sociedade francesa, por Bourdieu (1983).

Para Bourdieu, a relação da produção simbólica do sentido e da prática se faz enquanto específica, dependendo do grupo, sociedade, local, etc. Na verdade, cada grupo social só se faz dessa forma, a partir do momento em que existam “afinidades” entre os indivíduos que os formam.

Segundo Bourdieu, através da preocupação com a formação de um campo social de relações sociais, podemos observar a formação de determinados grupos. Para o autor “Pelo fato de que a identidade das condições de existência tende a produzir sistemas de disposições semelhantes (pelo menos parcialmente), a homogeneidade (relativa) dos *habitus* que delas resulta está no princípio de uma harmonização objetiva das práticas e das obras” (BOURDIEU, 1983, p. 66).

Para o autor, a ideia de *habitus* é primordial para caracterizar os grupos sociais que estão interagindo em um determinado espaço social (campo). As ações de determinados grupos são engendradas a partir dessa relação dinâmica entre estrutura e indivíduo. A ideia de consenso para o autor se dá enquanto possibilidade ter pessoas agindo de forma semelhante do campo social, há então um certo “ajustamento” às posições dentro desse campo pois “o espaço social está construído de tal modo que os agentes que ocupam posições semelhantes ou vizinhas estão colocados em condições semelhantes e submetidos a condicionamentos semelhantes, e tem toda a possibilidade de possuírem disposições e interesses semelhantes, logo, de produzirem práticas também semelhantes” (BOURDIEU, 1992, p.155) e que “o espaço social tende a funcionar como um espaço simbólico, um

³ Autores como Ernst Mandel, em um texto chamado “Os Grundrisse ou a dialética do tempo de trabalho e do tempo livre” aborda a relação entre a mais-valia e o tempo desprendido do trabalho, o tempo “livre” (MANDEL, 1980).

espaço de estilos de vida e de grupo de estatutos, caracterizados por diferentes estilos de vida” (BOURDIEU, 1992, p 160).

Não se pode esquecer também que o processo consensual não é realizado sem a presença de conflitos, que podem desaparecer ou ficar latentes a partir da resolução dos mesmos ou da aparente aceitação das regras dentro do “jogo” de poderes formadores do campo. As práticas correspondentes ao lazer portanto dizem respeito a uma espécie de *habitus* de classe, que se reproduz e que se introjecta aos grupos e indivíduos.

Para Parker (1978, p.33) o lazer tende a exibir as mesmas feições e relações que caracterizam o mundo do trabalho industrial: padronização, prática rotineira, prevalência de capital sobre a mão-de-obra, menor número de pessoas com participação ativa no controle das vidas de trabalho e lazer das massas do que espectadores e indivíduos subservientes a algum processo mecânico ou social.

Lafargue (1999), na obra *O Direito à Preguiça* procura mostrar como a ética burguesa conseguiu se tornar ética proletária, ou, em outras palavras, como a ética burguesa passa a ser *ethos* hegemônico e como a valorização do trabalho continua, mesmo com a valorização do lazer. Para Lafargue, essa lógica assenta nos preconceitos da moral cristã, econômica e do pensamento liberal. Assim sendo, deve ser contestada: “o operário necessita pisotear os preconceitos da moral cristã, econômica e livre-pensadora. É preciso que ele se obrigue a não trabalhar mais que três horas por dia, não fazendo mais nada, só festejando, pelo resto do dia e da noite (LAFARGUE, 1999, p.84).

Domenico de Masi identifica uma sucessão de fases liberatórias: a que vai desde as origens até a idade média trouxe a progressiva libertação da escravatura; a que vai da Idade Média até a primeira metade do século XX trouxe a progressiva libertação da fadiga; a que teve início a partir da Segunda guerra Mundial e na qual vivemos hoje visa à libertação do trabalho (DE MASI, 1999, p. 8)

Autores como Camargo (1998 *apud* BAHIA; FIGUEIREDO, 2013) perguntam-se o que de fato é lazer. Será possível uma identificação entre este e o trabalho, ou haverá um ócio puro, aquilo que o homem faz e poderia não fazer?

Voltemos a algumas ideias fundamentais para este texto: o lazer é uma ideia característica da sociedade contemporânea e talvez as repostas a várias perguntas possam estar na relativização dos conceitos e da percepção de um mundo que rompa com a lógica da produtividade burguesa. O pequeno livro de Cunha (1987) sugere que uma felicidade possível pode ser dada pelo rompimento entre a dicotomia trabalho/lazer.

Para esse autor, a noção de liberdade está atrelada à de felicidade. O caráter de oposição ou de compensação do trabalho, enquanto tempo e atividade formal, converte o lazer em negação de um pressuposto primitivo – no caso, o próprio trabalho (Cunha, 1987, p. 23). O conceito de lazer então é negativo por oposição à positividade do trabalho.

O lazer e a experiência máxima como busca da felicidade: o amor, o sagrado, e a revolução

Os usos do tempo livre em suas mais diversas formas e diversas configurações fazem parte da vida social cotidiana quer no âmbito privado quanto no público. Nas últimas décadas elas vêm ganhando espaço como objeto científico, bem como nas estratégias de planejamento e políticas públicas voltadas para o bem-estar.

Na história das ciências sociais e humanas, o tratamento dado a essas questões não foi uniforme, oscilando entre o abandono completo. Por exemplo, quando a mercadoria é tratada como fetiche das relações sociais e portanto a categoria mais importante, ou quando o estado, a dominação e a hegemonia anulam a criatividade, ou ainda quando os fatos sociais reificados são a matéria prima da investigação social. Em nenhum desses casos, o tempo livre e os seus usos ganham espaço como objeto de preocupação científica.

Não obstante, o lazer vem aos poucos passando a figurar entre os grandes temas da atualidade na medida em que se compreende que por meio dele as práticas que dão forma e substrato à vida vão se conformando juntamente com o mundo do trabalho, da produção.

A partir do momento em que a concepção moderna de trabalho vai se configurando na sociedade moderna e em grande parte graças à própria captura dessa dimensão pelo sistema produtivo, o lazer é hoje característica e necessidade indiscutível das sociedades e, portanto, objeto da reflexão científica.

A organização do trabalho capitalista pauta-se pela exploração do trabalho assalariado no processo de produção, muito embora as nuances dessa relação sejam cada vez mais numerosas e complexas.

No início do processo produtivo capitalista, no qual a fábrica, símbolo da revolução capitalista inglesa balisava o ritmo da vida, o trabalho além de dignificar o homem concedia o paraíso ao protestante na ideia de Max Weber. Desta forma, o trabalho sem descanso dos operários pôde ser compreendido dentro de uma ética produtivista associada a uma moral religiosa, por um lado, e a uma ideia de progresso tecnológico por outro.

No entanto, a necessidade de repouso entre jornadas foi reivindicada pelos trabalhadores e a tentativa de suprir essa necessidade de forma controlada, sem prejuízo da produtividade, ou, ainda mais, pondo-a a primeira a serviço da segunda, configurou-se no nascimento do lazer, que incorporou as lógicas do capital por duas vertentes. Por um lado, o tempo de descanso torna o trabalhador disponível, disposto e com energia para novas jornadas, aumentando, portanto, a produtividade e compensando horas de baixo rendimento que inicialmente representariam queda na produção da mais-valia. O tempo do não trabalho, o tempo livre, além das atividades sociais, incorpora o descanso/repouso exatamente para

que se retorne à produção com mais vigor. Dessa forma o descanso/repouso é contraparte do trabalho abstrato, espectro sabiamente observado por Lafargue (1999).

Por outro lado, o tempo livre dedicado ao descanso/repouso pode estar relacionado ao consumo em atividades consideradas como descanso e lazer, atividades essas ligadas ao entretenimento e ao divertimento. A sobra de tempo abre espaço para diferentes modos de usar e de desfrutar do que é ofertado pela indústria do entretenimento e do turismo. Com o incremento dos serviços de entretenimento e diversão, o tempo de lazer mais uma vez se incorpora no tempo produtivo pois se transforma em tempo de consumo.

Se é possível pensar no lazer dentro desse campo relacional entre trabalho, descanso, consumo, é possível também estruturar pesquisas sobre o mesmo, perceber atividades, práticas e vivências, e potencializar de alguma forma essa experiência por meio da estrutura técnica e política de um corpo de preceitos e estudos, de profissionais formados provindos dos campos da educação física, do turismo e da arte, de técnicas de uso de espaços de lazer, de democratização e acessos e possibilidades de lazer, de entretenimentos de qualidade que produzam reações prazerosas em seus públicos, espectadores e audiências.

Segundo uma ideia de Kaplan retomada por Parker, as pessoas procuram ir ao mundo para terem experiências novas e diretas, que nos dão as prospecções de movimento ou de imobilidade (PARKER, 1978).

Duvignaud (1983) em sua sociologia do imaginário, considera, que as sociedades, para além das estratégias de regulação social que tenderiam ao reforço das estruturas, estabelecem mecanismos para viver o descontrole, a crise, a destruição, atividades subversivas que em nada postulam a sobrevivência das sociedades. Esses mecanismos, segundo o sociólogo francês seriam as festas, atos delirantes e nihilistas que teriam como prolongamentos a criação barroca, a explosão capitalista e os fenômenos de transe e de possessão. Única provocação das sociedades à mudança e ao questionamento, a festa se apresenta em Duvignaud (op.cit.) como uma força que obriga a ultrapassar as limitações da cultura, à qual contesta e cujos contornos, portanto, altera (op.cit.). A festa pode surgir no momento da crise dos valores, quando ainda não se pressentem as normas do mundo novo que se prepara (LATIF, 2014). A efervescência durkhiemiana ganha em Duvignaud uma conotação mais fortemente dionisíaca, que será retomada por Michel Maffesoli ao longo de toda a sua obra sobre o imaginário e a sensibilidade nas sociedades contemporâneas.

São muitos os pensadores a se debruçarem sobre o problema da angústia essencial humana. A partir dessa questão, chegaremos a uma outra que inteprela os indivíduos nas sociedades contemporâneas: Como alcançar a felicidade? No fluir da experiência máxima, ordenando a consciência. No prêmio do amor romântico (COSTA, 1998), ou em outra configuração qualquer.

O erotismo ultrapassa sem excluir o prazer vinculado aos órgãos sexuais. O prazer venéreo participa do erotismo sexual como o seu vetor. O prazer intenso dos sentidos é uma

experiência da totalidade corpo-mente, carne-espírito. Bataille (1957) o define como a dissolução do indivíduo, uma experiência de morte pelo apagamento da consciência e da finitude. Com isso, aproximam-se as formas de êxtase religioso das formas do prazer sexual, precisamente em seu componente de dissolução do ser, anulação do ser, não mais metamorfose, mas *a-morfose*, não forma, não ser.

Ligado à devoção mariana da alta Idade Média, está o aparecimento do amor cortês. Originado na Occitânia, esse fenômeno consistia na adoração casta e devoção do trovador a uma dama. Amor para sempre adiado, desejo intensificado sem nunca ser satisfeito, o amor cortês é comparado por Eliade (1999) a uma experiência mística.

O desdobramento do amor cortês originou na Itália o *Dolce Stil Nuovo*, gênero do qual o maior representante foi Dante Alighieri. Eliade e Couliano observam que a tensão interminável do desejo não consumado era a chave de uma corrente de erotismo sublimado que contagiava o ensinamento médico corrente, para o qual o amor não concretizado poderia tornar-se um veneno mortal. Ao lado da luta contra os infiéis, a virtude do cavaleiro, representada pela castidade e fidelidade à dama, será a ideologia dos romances do ciclo arturiano.

Bataille, na sua obra *La Notion de Dépense* (1967)⁴ interroga-se sobre o que pode ser de fato útil para os seres humanos e localiza a natureza infrutífera dos debates correntes sobre o tema na circunstância de que eles encontram-se distorcidos por uma redução do princípio do prazer ao princípio da produtividade. Assim, ao procurarmos pelo sentido de *útil*, procuramos na verdade pela capacidade de alguma prática ou ação de produzir ou reproduzir a sociedade.

Para Bataille, tal circunstância submete os homens a uma espécie de minoridade normativa, muito embora ela não seja mais do que nominal, uma vez que as formas de satisfazer o desejo humano por aquilo que não conforma e nem conforta, aquilo que é selvagem, interdito e orgiástico multiplicam-se, ainda que inconfessadas e ocultas.

O consumo, ainda para o mesmo autor deve ser dividido em duas partes distintas, uma conservadora, que pode ser reduzida a uma condição da continuidade da atividade produtiva e de manutenção da sociedade e, outra, representada pelas despesas improdutivas, das quais fazem parte “o luxo, o luto, as guerras, os cultos, a construção de monumentos suntuosos, os jogos, os espetáculos, as artes, as atividades sexuais “perversas” ou seja, não voltadas para a genitalidade. Todas essas atividades têm o seu fim em si mesmas e, portanto, excluem todos os modos de consumo que servem de meio termo à produção (BATAILLE, 1967, p. 28). Esse conjunto de atividades improdutivas rege-se pelo princípio da perda, que deve ser a maior possível para que cada uma delas atinja o seu grau máximo de significado. A essas atividades, Bataille chamou “la dépense”, ou desperdício.

⁴ A Noção de Desperdício.

Nenhuma dessas práticas procura equilibrar o gasto com o lucro. Elas contrariam absolutamente o princípio econômico do balanço das contas. Os exemplos a que Bataille recorre para ilustrar o seu pensamento são o gasto de uma fortuna em diamantes, mas também o derramamento de sangue de humanos e animais em sacrifícios (Bataille chama a atenção para o significado da palavra sacrifício: produção de coisas sagradas), os jogos e competições, nos quais não apenas são gastas vultuosas somas em dinheiro em estruturas e prêmios, mas assume-se também o risco de vida em maior ou menor medida (corridas de cavalos, de carros, alpinismo, saltos, etc.), assim como a arte, que além das despesas reais exige também despesas simbólicas (a comoção, o terror, a fúria, etc.).

As relações entre a produção, as trocas e o desperdício ou despesa improdutivo são de tal ordem que as duas primeiras serão sempre subordinadas a esta última, afirma Bataille (1967, p. 31). Para o autor, a origem do atual sistema econômico baseado na necessidade de aquisição funda-se, ao contrário do que imagina a economia clássica, não na troca, mas no desperdício.

O poder das classes dominantes nas sociedades contemporâneas não é mais que o poder de gastar e ele se mantém às custas de excluir os miseráveis de toda possibilidade de gasto, ou seja, de toda atividade social. Para os miseráveis, o único meio de entrar no círculo do poder seria a destruição revolucionária das classes dominantes, ou seja “um gasto social sangrento e ilimitado” (BATAILLE, 1967, p.32).

Na economia arcaica, o poder da riqueza era claramente o poder do gasto. Exemplo disso é o *potlach*, no qual um conjunto de riquezas era desperdiçado diante de um rival para constrangê-lo a sacrificar riquezas ainda maiores. A fortuna não protege quem a possui de um estado de privação, ao contrário, ela o submete a um risco de perda constante. No entanto, não é aqui que reside o que Bataille chama desperdício ou despesa improdutivo, pois aqui o desperdício está subordinado a uma finalidade humana imediata.

No curso da transformação dos meios de produção a lógica da produtividade somente se pode instalar quando essa subordinação deixa de ser imediata e passa a obedecer a uma função de conservação e acumulação. Quando as fortunas se tornam estáveis, elas passam a estar sob o regime do desperdício não mais com o fim de submeter ao mesmo risco uma outra fortuna, embora ainda com a finalidade de manter o poder.

Com o advento do Cristianismo, a dimensão espetacular das oferendas reduz-se às esmolas e às doações à Igreja. Com a afirmação da burguesia, as despesas e o consumo escondem-se por detrás dos muros, reduzem-se a um consumismo de classe oculto por um propagado ódio ao desperdício. Bataille identifica na burguesia contemporânea uma mesquinha universal. A irracionalidade do desperdício ritual desaparece, substituída pela racionalidade da acumulação capitalista. Mas tal racionalidade é a todo momento desafiada ou denunciada pela luta de classes. Diz Bataille: “o fim da atividade produtiva do operário é produzir para viver, mas o fim da atividade patronal é produzir para relegar os produtores

operários a uma pavorosa derrota” (1967, p. 39). Para o autor, os gastos em investimentos para permitir que os operários sejam elevados a condições humanas, são na verdade, meios para mantê-los em sua condição de sujeição. A luta de classe, com o risco que ela significa para a burguesia, seria, então a forma mais potente de risco social (para a classe dominante) e, portanto de desperdício. E continua Bataille: “a luta de classes só tem um termo possível: a perda daqueles que causaram a perda da natureza humana” (1967, p. 43).

A conclusão de Bataille é a de que a humanidade não poderá jamais ser contida em sistemas fechados de racionalidade. A natureza humana é a da insubordinação a toda racionalidade e, de forma isolada ou em grupo, os seres humanos estão sempre engajados em processos de desperdício, a humanidade só começa com a derrota dos sistemas e se os homens procuram a subsistência ou evitam o sofrimento não por que essas coisas são suficientes em si mesmas, mas para alcançarem a função insubordinada do livre desperdício.

A qual das dimensões aqui descritas poderemos associar o lazer e os usos possíveis dos tempos livres? Tidos como função de equilíbrio do sistema de produção capitalista, seja por assegurarem o descanso que permite a retomada da produtividade no trabalho, seja como consumo de bens e serviços de entretenimento, eles serão engodo e alienação, mero subterfúgio da racionalidade produtiva e acumulativa.

No entanto, se a insubordinação é, como quer Bataille, a natureza da humanidade e, se a luta de classes não pode ser contida por ser ela mesma a maior expressão em potência de um gasto improdutivo redentor, podemos levantar a hipótese de que o lazer e os usos organizados pelo consumo dos tempos livres não permaneçam até o fim como válvulas de escape ou estratégias de manutenção do sistema. Muito embora essas funções sejam inevitavelmente fases dessas atividades, seriam fases necessárias à sua própria superação e ao alcance de uma dimensão humana mais profunda e impossível de ser contida por qualquer racionalidade produtiva.

Não obstante, a pulsão do desperdício, apontada por Bataille como motor da revolução apenas nos remete a uma condição humana de sujeição a uma espécie de metafísica que contraria o aspecto material que o próprio autor procura dar à insubordinação. Desperdiçar, gastar, sangrar, acumular, produzir ou desejar infinitamente, podem tanto servir à racionalidade quanto à irracionalidade, mas no esquema de Bataille, a humanidade só tem escolha entre dois pólos binários: a acumulação racional ou o desperdício irracional.

Talvez para percebermos melhor as possibilidades libertadoras e revolucionárias dos usos do tempo livre, fosse necessário buscar outras possibilidades de compreensão em esquemas que abram a via não só ao irracional que se opõe binariamente a um racional, mas ao ainda impensado, ao ainda não imaginado ou descrito porque ainda não vivido, a um movimento que não se pode descrever como uma vaga irracional ou como uma marcha racional mutuamente excludentes.

Assim, à superação da racionalidade produtiva já presente em Bataille, pode ser frutífero juntarmos a noção de figuras ou figurações e de rizoma da tradição deleuziana, para que possamos pensar nos tempos livres como processos de subjetivação, espaços internos de liberdade e de reinvenção dos indivíduos que subvertam de forma radical a limitação das escolhas oferecidas pelo mundo da produção e do consumo, não por estarem desde o início à salvo deles, mas, justamente, por se produzirem no risco constante e iminente da queda e da perda dessas mesmas subjetividades que é ao mesmo tempo a possibilidade da superação dos esquemas binários e redutores.

Considerações Finais

Se o lazer passou a ser, em lugar do trabalho, o princípio orientador dos valores essenciais segundo os quais nós vivemos, deveríamos ver este fato refletido na natureza das experiências de lazer, na medida em que estas são comunicadas a outros ou estão abertas à observação. Constatamos um conjunto de valores de lazer em desenvolvimento – um mundo lúdico.

Quando a noção de lazer desaparecer, juntamente com a de trabalho talvez estejamos em uma outra sociedade, com outra cultura e prioridades. Ou teremos alcançado respostas sobre o papel do homem na terra, e esclareceríamos Gilgamesh, personagem mitológico que empreende a busca pelo sentido da vida.

De todos os lados o lazer surge como um fator fundamental de compressão da engrenagem da vida cotidiana e do trabalho, quiçá às vezes tanto do profano, da estrutura quando do sagrado. Nascido da incoerência da relação trabalho – descanso – consumo do entretenimento, ele poderia já ter nascido com aportes conceituais profundos, mas até hoje essa dimensão da vida carece de estudos mais profundos, mesmo que venha pouco a pouco ganhando protagonismos. Sendo o conceito de lazer cunhado nesse contexto, ficam então o ócio e o prazer como conceitos e formas elementares do lazer, que inclusive se apresenta sem grandes distinções com o trabalho em diversas sociedades e comunidades, e diz respeito então à dimensão prazerosa da vida, da forma dionisíaca e da festa, do mutirão e do prazer sexual, do não fazer nada e do momento sagrado da transformação da vida.

Romper com a dicotomia é negar ao mesmo tempo a noção de trabalho e lazer, imprimindo uma nova visão sobre o mundo, o homem e as atividades humanas. Seria o mundo utópico? Da plena felicidade?

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. A Indústria Cultural, o iluminismo como mistificação de massas. In: **A Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BAHIA, M. C.; FIGUEIREDO, S. L. A construção social do lazer e sua trajetória científica. **Papers do NAEA**, n. 309, 2013.
- BATAILLE, Georges. **L'érotisme**. Paris: Minuit, 1957.
- _____. **La Part Maudite, précédé de la Notion de Dépense**. Paris: Minuit, 1967.
- BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de Consumo**. Lisboa: Edições 70, 1981.
- BOURDIEU, Pierre. Esboço da teoria da prática. In: **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. **La Distincion**. Paris: Gallimard, 1999.
- _____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- CAMARGO, Luiz Octávio. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.
- CORBIN, Alain. **L'Avènement des loisirs – 1850/1960**. Paris: Flammarion, 2001.
- COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. **A ordem médica e a norma familiar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. **A psicologia da felicidade**. São Paulo: Ed. Saraiva, 1992.
- CUNHA, N. **A felicidade imaginada: a negação do trabalho e do lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- DE MASI, D. **Desenvolvimento sem trabalho**. São Paulo: Esfera, 1999.
- DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan P. **Dicionário das Religiões**. Tradução de Ivone Castilho Benedeti. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Florense, 1990.

LAFARGUE, P. **O Direito à preguiça**. São Paulo: Ed. Hucitec, Ed. Unesp, 1999.

LATIF, Larissa . A travessia de um mito de origem amazônico: o Círio de Nazaré entre o moderno e o pós-moderno. **Revista Novos Cadernos NAEA**, v. 17, p. 23-52, 2014.

MANDEL, Ernest. Os Grundrisse ou a Dialética do Tempo de Trabalho e do Tempo Livre. In: _____. **A Formação do Pensamento Econômico de Karl Marx** (de 1843 até a redação de O Capital). 2. ed. Rio de Janeiro:Zahar, 1980.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1996.

PARKER, Stanley. **A sociologia do lazer**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

RIESMAN, David. **A multidão solitária**. São Paulo: Perspectiva, 1961.

WEBER, Max. A objetividade nas ciências sociais. In: **Max Weber**. São Paulo: Ática, 1985.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1996.

Endereço para correspondência

NAEA-UFPA, Av. Perimetral, Número 1 - Guamá, Belém - PA, Brasil.
Código Postal: 66075-750

Recebido em:
22/11/2014
Aprovado em:
10/12/2014

